

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

José Enrique Rodó e Monteiro Lobato. Aproximações e diferenciações entre seus pensamentos e projetos para o Brasil e para a América Latina.

Elisângela da Silva Santos.

Cita:

Elisângela da Silva Santos (2009). José Enrique Rodó e Monteiro Lobato. Aproximações e diferenciações entre seus pensamentos e projetos para o Brasil e para a América Latina. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1217>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

José Enrique Rodó e Monteiro Lobato

Aproximações e diferenciações entre seus pensamentos e projetos para o Brasil e para a América Latina

Elisângela da Silva Santos

Aluna do programa de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista

Unesp/FFC – Marília – SP.

licass20@yahoo.com.br

Pressupondo uma profunda conexão – em que pese as suas também profundas diferenças – entre os processos sociais e as dinâmicas culturais, políticas e estéticas na América Latina, este trabalho tem como proposta a tentativa de realizar uma análise comparativa entre o pensamento do brasileiro Monteiro Lobato (1882-1948) e o do uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917), considerando a “primeira fase” de produção de Lobato como crítico de arte, cronista e contista, e a produção de Rodó também como crítico de arte, escritor, pensador de cultura, política e sociedade. Percebemos que existe uma distância grande entre as datas de morte destes autores, porém é válido advertir que Rodó morreu muito cedo, com 46 anos de idade, interrompendo uma produção intelectual consagrada e bastante divulgada. Lobato morreu aos 66 anos de idade e estes anos a mais em relação a Rodó lhe conferiram uma produção intensa e extensa, que se compreende desde a literatura adulta até a infantil. Dessa forma, tomaremos o chamado pensamento social latino-americano como uma esfera de estudos que não se restringe à um exercício de investigação histórico-temporal e sim uma forma de mobilizar autores, temas e idéias, que muito embora não tenham sido pensadas concomitantemente, obedece aos diferentes/semelhantes processos de modernização pelos quais Brasil e Uruguai passaram, e que foram analisadas por pensadores que, no seu tempo, colocaram questões que ainda hoje fazem parte de preocupações e debates do nosso continente.

Ao retomarmos episódios importantes da biografia e da produção destes autores, encontramos pontos de semelhanças e discordâncias, aqui nos importa enfatizar quais as preocupações destas figuras públicas que escreveram sobre os países que viviam e que também propuseram alternativas de mudanças para o Brasil e o Uruguai do final do século XIX e início do XX. Conforme Regina Crespo (2006), a distância político- cultural que ainda prevalece entre o Brasil e os países hispano-americanos vem sendo paulatinamente diminuída na atualidade, no plano político, principalmente com a formação dos blocos econômicos. No plano específico do pensamento social, esta distância se mantém, mas é possível observar que os intelectuais latino-americanos têm compartilhado historicamente a preocupação em refletir temas continentais e mundiais.

Em finais do Século XIX e início do Século XX, segundo Marcos Alves de Souza (2006), estava em curso, em diversos países da América Latina, o processo de consolidação do Estado-nação e, portanto, questões como identidade e sentimento nacional eram alvos de calorosas discussões. Buscava-se modelos de desenvolvimento político, econômico e social que pudessem levar a “civilização” à América Latina, marcada pela herança colonial do caudilhismo político, da truculência militar e da lassidão administrativa. E, como observarão ambos os pensadores aqui enfocados, cada um a seu modo, tais aspectos tinham como ponto de convergência a grande fazenda e seus proprietários.

José Enrique Rodó nasceu em Montevideu, era o sétimo filho de uma família com boas condições financeiras. Seu pai também pertenceu à burguesia culta da época e morreu quando Rodó completara 14 anos, o que o obrigara a trabalhar cedo. Entre 1883 e 1895, Rodó ofereceu suas primeiras contribuições como escritor para os jornais *Los primeros Albores* e para *Montivideo Noticioso*. Em 1895, já estava pronto para ingressar na vida literária do país e, neste ano, juntamente com o amigo e futuro biógrafo, Víctor Pérez Petit (1871-1947), criou e manteve por três anos a *Revista Nacional de Literatura y Ciencias Sociales*. Segundo Mário Benedetti (19__), esta publicação não era importante apenas para Rodó, mas também para a vida literária do Uruguai e de todos os países hispânicos. Foi esta Revista que lançou definitivamente este autor no continente Latino-americano como um pensador de renome.

A Revista publicou autores como Rubén Darío, Leopoldo Lugones, Bartolomé Mire, José Santos Chocano, Ricardo Palma, Rafael Obligado, Salvador Ruenda, Rufino Blanco Fombana, Jaimes Freire, Leopoldo Díaz e Manuel Ugarte, etc. Conforme Jorge Ruffinelli (1995), foi considerada o veículo mais importante para desenvolver o talento de Rodó como ensaísta e crítico, muitos ensaios ali publicados foram incorporados no livro *El mirador do Próspero* (1913). Seu livro

Ariel (1900), onde se preocupou em apontar temas sobre a realidade cultural e social da América Latina, corresponde à sua obra mais conhecida e citada.

Quanto ao pensador brasileiro, Monteiro Lobato, este nasceu em 1882 em Taubaté, interior de São Paulo. Em 1900 ingressou na Faculdade de Direito, foi reconhecido como neto do Visconde de Tremembé, cuja situação econômica refletia o processo de transformações decorrentes da crise do trabalho escravo e a decadência da economia cafeeira do Vale do Paraíba. Aos 18 anos, Lobato demonstrava-se bastante interessado por temas literários e sociais. Como crítico de nossa estrutura agrária, escreveu quando tinha o conto *Café, Café* (1900), reunido em *Cidades Mortas*, livro lançado 1921, onde ridicularizava a mentalidade petrificada do fazendeiro que não investia em outra coisa a não ser na cultura cafeeira.

Entretanto, Lobato passou a ser conhecido como escritor no ano de 1914, momento em que iniciou sua contribuição para o jornal *O Estado de São Paulo*, cujo artigo mais famoso é o intitulado *Uma velha Praga*. Entretanto, se considerarmos as correspondências trocadas entre ele e o amigo Godofredo Rangel, perceberemos antes desta data um sólido pensamento artístico crítico, ou seja, uma espécie de “preparação” para projetos futuros.

Em 1916, Lobato também participa da criação da *Revista do Brasil*, e a partir de 1918 torna-se proprietário e editor. Foi neste veículo que iniciou o registro de suas preocupações nacionalistas.

Lobato passou a produzir num momento em que havia críticas ao modelo agrário-exportador e ao modelo de trabalho vigente. Suas críticas residem na falta de industrialização, de trabalho racional, “civilização”, e também de um sentimento de nacionalidade.

A dicotomia entre progresso e atraso, civilização e barbárie, liderou grande parte do debate intelectual dos finais do século XIX e início do XX:

A esperança que o argentino Domingo Sarmiento colocara na educação como única forma de transformar as sociedades latino-americanas levou muitos intelectuais do continente a associar civilização e europeização. Se fatores como clima e raça não podiam ser transformados, idéias e sentimentos sim, ao europeizar-se. Sarmiento também sonhava em incorporar o pragmatismo estadunidense em seu projeto nacional, transformando a Argentina nos Estados Unidos do sul. O escritor e empresário Monteiro Lobato acalentou o mesmo sonho para o Brasil nos anos trinta. No entanto, autores como o filósofo José Enrique Rodó, que defendiam uma visão da América Latina como unidade integrada, sem dar muita importância às diferenças, procuraram justificar o que já então se

definia como “atraso” dos latinos frente ao pragmatismo e ao dinamismo dos saxões, responsáveis pelo seu “progresso”. Para fazê-lo, basearam-se na suposta – e até certo ponto tranquilizadora – superioridade espiritual latina, marcada por evidentes matizes europeus (CRESPO, 2006, pp. 24-5).

No período em que ambos os autores viveram e produziram, existia a hegemonia da cultura européia diante do “vazio” cultural sul-americano. Entretanto, os Estados Unidos despontavam como novo modelo econômico e cultural, por isso o embate travado entre muitos autores latinos se pautava na idéia de qual seria o modelo social a ser seguido, o norte-americano, ou o Europeu.

Neste aspecto podemos perceber uma diferença marcante entre Rodó e Lobato. Em *Ariel* (1900), Rodó afirmou que os Estados Unidos poderiam ser considerados a encarnação do verbete utilitário e advertia sobre o defeito de uma civilização que não teria outros objetivos além da tecnologia e a força material:

Rodó alertou contra os entusiastas do modelo norte-americano que desejavam “uma América deslatinizada por vontade própria, sem a extorsão da conquista e logo renegada à imagem e semelhança do arquétipo do norte”.

Conforme Fábio Muruci dos Santos (2003), a utopia da regeneração ibero-americana, ou “latino-americana”, se desenvolveria, pelo menos de forma provisória, pela negação do americanismo; Rodó investiu na idéia de que a cultura européia era necessária para estabelecer os perfis da originalidade cultural da América, uma vez que representava a grande “calda da cultura letrada”. Para Ruffinelli (1995): “El sujeto rodoniano pensava com cerebro francés, se había educado em España, poseía uma cultura cosmopolita y miraba hacia um futuro eurocéntrico” (RUFFINELLI, 1995, p. 41).

Rodó se mostrava favorável a uma espiritualização americana, apesar de o continente americano ser jovem e ter de sair em busca de um equilíbrio entre o novo e o velho, a novidade e a tradição, o material e o ideal.

Diferentemente de Rodó¹, Lobato sempre mostrou grande admiração pelos Estados Unidos, desde a filosofia, a vida política e econômica, até a cultura deste país. Considerava que a Europa cansada já não poderia mais oferecer modelos a serem seguidos. Em seu texto “A arte Americana”. Lobato também era grande admirador das técnicas norte-americanas de controle do trabalho, suas sugestões, segundo Campos (1986), se pautavam em princípios tayloristas. Sua

¹ A guerra entre Estados Unidos e Espanha pela independência de Cuba no final do século XIX, motivou uma crítica severa de Rodó ao modelo norte-americano de organização política e modernização econômica, bem como o ideário intervencionista expresso, conforme ele, na Doutrina Monroe. O utilitarismo e pragmatismo norte-americano colocariam a perder algumas das contribuições européias à nossa formação, como o espírito juvenil e alegre.

personagem Jeca Tatu é o emblema da “aplicação” deste princípio filosófico. O Jeca, conforme Lobato era símbolo do atraso econômico político e mental que deveria ser vencido. Desta forma, um dos princípios básicos do pensamento Lobatiano começava a ganhar forma: o progresso.

Apesar desta diferença ressaltada entre os autores, percebemos que a procura por modelos culturais, econômicos, históricos e sociais a serem seguidos por seus diferentes países se pautava num ponto em comum: formar o sentimento de nacionalidade, no caso de Lobato, e em Rodó o ensejo de se formar o sentimento hispanoamericano, contribuir para arraigar na consciência do povo a idéia de uma “América Nuestra”, com força comum, como alma indivisível, pátria única. *Ariel* desencadeou um “clima ideológico” de reivindicação da latinidade. Em Lobato, o desejo era a formação de uma nacionalidade própria, construída a partir dos elementos locais, este seria o verdadeiro progresso da pátria. Existe uma aposta por parte destes autores num futuro, numa juventude que pudesse seguir em frente com as propostas que começavam a emergir na América Latina do final do século XIX e início do XX.

A aposta para a realização deste objetivo também se pautava na educação, como vimos acima por meio da citação de Crespo (2006). O analfabetismo, segundo Rodó significava uma “praga continental”. Em *Ariel* (1900) percebemos o elogio à juventude, que deveria dar valor a si mesma e à vida, já que esta significaria a renovação: “O espírito da juventude é terreno generoso onde a semente de uma palavra oportuna costuma gerar, em pouco tempo, os frutos de uma imortal vegetação” (RODÓ, 1957, p. 203). Assim o papel de promover uma “evolução” das idéias, de fazer com que o racionalismo e a inteligência predominassem ficaria a cargo da juventude. Esta deveria envolver-se na batalha para a renovação e produção de novas idéias na América Latina, promovendo uma verdadeira renovação cultural:

Rodó, ao contrário de Lobato, não se dedicou à literatura infantil de modo abrangente, porém é mencionado juntamente com outros autores, dentre eles, Octávio Paz, no livro *El niño en la cultura del Uruguay*, organizado pela poetiza Juana Ibarborou, onde se define uma espécie de “programa” de como deveria ser este gênero no país. Lobato, como apontamos em outro momento², foi um dos autores mais consagrados no Brasil em relação ao gênero infantil e tinha como idéia principal a nacionalização das fábulas, histórias e mitos, construindo ao mesmo tempo uma literatura atuante para as crianças, onde ela, representadas por Narizinho, Emília e Pedrinho, lessem a história de uma nação a ser consolidada no futuro, de modo próspero e seguindo uma perspectiva modernizante.

² A literatura infantil de Monteiro Lobato foi tema de minha dissertação de mestrado, defendida no ano de 2008 junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da FFC/UNESP, Campus de Marília, na qual abordei a presença de temas concernente ao Pensamento Social Brasileiro nos livros infantis desse autor.

Esse aspecto, a crença na geração do *porvir*, é presente em ambos os autores. Aqui fica explícita uma idéia que se relaciona à visão de seus respectivos países: as condições históricas, econômicas, sociais e intelectuais, sob as quais viviam, deveriam ser alteradas e os únicos agentes capazes de tal tarefa seriam os jovens. Portanto, paira nos escritos de ambos, a crença no futuro de seus jovens países, os quais cresceriam e desenvolveriam concomitantemente à geração mais nova.

Em Lobato lemos a seguinte idéia em relação à educação: “A criança é a humanidade de amanhã. No dia em que isto se transformar num axioma – não dos repetidos decoradamente, mas dos sentidos no fundo da alma – a arte de educar as crianças passará a ser mais intensa preocupação do homem” (LOBATO, 1959, p. 249).

A educação aqui referida em ambos os pensadores abrangia a capacidade de desenvolver na população uma cultura artística e racional, já que os contextos sob os quais produziram seus ensaios eram marcados pelo “analfabetismo” e “debilidade cultural”, porém, como homens ligados às expressões culturais, propuseram que a cultura estética devesse ser de interesse de todos. Em Rodó percebemos uma certa advertência ligada à produção cultural Latina quando afirmava que a América atual se mostrava um solo “pouco generoso” em relação à arte, pois negada a poesia do “homem primitivo” e também o refinamento, a América parecia condenada sempre ao “excêntrico”.

Rodó, no Uruguai, assim como Lobato no Brasil, teve uma participação um pouco polêmica no movimento modernista latino. Em trabalhos publicados na Revista *Nacional de literatura y ciencias sociais*, como *La Vida Nueva* e *El que vendrá* (1896), afirmou criticamente que o poeta Rubem Darío (1867-1916) não representava a poesia do continente latino pois era marcada pelo exotismo e a América necessitava de uma linguagem mais independente dos modelos já consolidados. Não deixava de admirar as qualidades de Darío, porém afirmava que o “toque local” não estava representado nesta poesia. Na visão de Rodó, Darío evocava sempre uma obsessão pela Europa, especificamente pela França (cf. RUFINELLI, 1995 e ROCCA, 2001).³

Quanto à polêmica entre Lobato e o grupo modernista, esta foi inicialmente marcada pelas concepções artísticas, aspecto possível de sustentação a partir de diversos episódios, iniciados na década de 1910, que puderam corroborar estes diferentes modos de pensar a arte. O “conflito” foi iniciado em 1917, com a publicação do artigo escrito por Lobato a respeito da exposição de Anita Mafaltti. Este artigo, intitulado *Paranóia ou mistificação?*, criticava principalmente a importação de

³ Segundo Antonio Candido (2006), em seu texto *Literatura e Subdesenvolvimento*, Darío e todo o movimento modernista hispânico representou uma ruptura na soberania literária que a Espanha exercia, porém esse fator não partiu de recursos expressivos originais, e sim da adaptação de processos e atitude francesa. “O que os espanhóis receberam foi a influência da França já coada e traduzida pelos latino-americanos, que deste modo se substituíram a eles como mediadores culturais (CANDIDO, 2006, p. 184).

modelos estéticos estrangeiros e, como consequência disto, a negação de uma arte nacional, que incorporasse nossos temas. Neste artigo, percebemos como as concepções artísticas lobatianas desse momento divergiam das concepções consideradas modernas no cenário nacional, o que marcaria para sempre as conturbadas relações do grupo modernista com Monteiro Lobato. Este viu na exposição de Malfatti uma espécie de cópia sem sentido para a realidade brasileira. Os movimentos estéticos europeus representavam estrangeirismos impossíveis de serem adaptados no Brasil e a insistência desta “cópia”, ou “adaptação” para o território nacional, resultaria naquilo que Lobato chamou de *caricatura*, que ao invés de demonstrar a “verdadeira arte”, *a esconde, desnorteia, aparvalha e atordoa* a suposta ingenuidade do espectador. Radicalizando esta idéia, Lobato ironicamente compara a exposição de Malfatti aos desenhos que ocupam as paredes dos manicômios, cuja única diferença estaria no fato de que estes desenhos seriam autênticos, pois mentes transtornadas lhes dariam forma, já a pintura que tenta adaptar as vanguardas européias ao Brasil seria marcada por um fracasso por ser forçada e extravagante.

Outro ponto de semelhança entre ambos os autores refere-se à questão da democracia e da ciência. Para Rodó, a democracia e a ciência eram insubstituíveis bases sobre as quais se levanta a civilização: “Deve-se pensar em fazer encarnar-se nos sentimentos e costumes do povo, a idéia das subordinações necessárias, a noção das superioridades verdadeiras, o culto consciente e espontâneo de tudo quanto multiplica, aos olhos da razão, a cifra do valor humano” (RODÓ, 1991, p. 80).

No pensamento de Lobato, segundo Campos (1986), havia a crença na existência de duas elites no Brasil, a “falsa” e a “verdadeira”. As falsas seriam representadas pelos “falsos industriais” (os proprietários de terras) e os bacharéis (os sábios oficiais). Na visão de Lobato, esta elite estava distanciada dos problemas brasileiros, como por exemplo, a falta de fiscalização da saúde pública, a corrupção, etc. A “elite verdadeira” seria aquela que realmente enxergava os problemas do nosso território e priorizava a sua solução, ou seja, deveria fazer uma conjugação entre o conhecimento intelectual com a ação: “Eu creio na existência de uma elite moral no Brasil. Apenas admito que esta arredada da sua função orgânica. Está à margem, à espera de que a chamem. Uma reserva, por enquanto – mas uma bela reserva, creia” (LOBATO, 1948, p. 114).

Para Lobato a “justiça social” dependia diretamente do direito do cidadão de eleger seus governantes, de acordo com a sua consciência, portanto era imprescindível a introdução do voto secreto no país. Além disso, era necessária a instauração da “moralidade administrativa”, ou seja, o acesso das “elites morais verdadeiras” e capazes de governar como representante da nação, e não a partir dos interesses pessoais. Apenas com o desenvolvimento técnico e científico o país poderia

conquistar sua “independência moral”, uma vez que: “Um país tão pobre que necessitava trocar voto por chapéu, nunca poderá alcançar-se à categoria de eleitor” (LOBATO, 1948, p. 114).

Referências

- AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Senac, 1997.
- ARRUDA, Maria Arminda N. Pensamento brasileiro e sociologia da cultura: questões de interpretação. In: *Revista Tempo Social*, v. 16, n. 1. São Paulo: Jun. 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702004000100006&lng=pt&nrm=iso.
- BASTOS, Élide R. Pensamento Social da Escola Sociológica Paulista. In *O que ler na ciência social brasileira 1970-2002*. In Org MICELI, Sérgio. Brasília: Sumaré, 2002.
- _____. *Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*. São Paulo, 1986. Tese (Doutorado em Sociologia). PUC – SP.
- BENEDETTI, Mario. Rodó, el pionero que quedo atras. Montivideo: Ediciones La Republica, 19__.
- BERRIEL, Carlos Eduardo. A uiara enganosa. In org. Mário de Andrade/Hoje. *Cadernos Ensaio*. São Paulo: Editora Ensaio, 1990.
- CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A república do picapau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: modernismo*. São Paulo: Difusão Européia, 1968. Volume 3.
- _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- _____. Literatura e Subdesenvolvimento. In *A educação pela noite: ensaios*. São Paulo, Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Radicalismos. *Estudos Avançados* 4(8): 5-18, 1990.
- _____. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- _____. De cortiço a cortiço. In *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, pp. 150-129.
- _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*. Rio de Janeiro: Ed. Ouro Sobre Azul, 2007.
- CASSAL, Sueli T. B. *Amigos escritos: correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos Vernissages*. São Paulo: Edusp, 1995.
- CRESPO, Regina. Visões de brasileiros sobre a América Latina: do isolamento à integração. In *Araucária*, primeiro semestre ano/vol. 8, número 15: Universidade de Servilha, Espanha, pp. 20-35. Disponível em <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/282/28281502.pdf>.
- CRESPO, Regina. *Itinerários Intelectuales: Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para la nacion*. Centro Coordinador y Difusor de Estudos Latinoamericanos: México, 2004.
- _____. *Messianismos culturais: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a nação*, 1997. Tese (Doutorado em História), FFLCH, Universidade de São Paulo: São Paulo.
- D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- DANTAS, Paulo. *A presença de Lobato: coleção depoimento*. São Paulo: Editora do escritor LTDA, 1973.
- DUARTE, Lia Cupertino. *Lobato humorista: a construção do humor nas obras infantis de Monteiro Lobato*. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

- EAGLETON, Terry. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2001.
- FABRIS, Annateresa. Modernidade e vanguarda: o caso brasileiro. In org. *Modernidade e modernismo no Brasil*. Campinas – SP: Mercado de Letras, 1994, pp. 9-25.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*, Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1978.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- IANNI, Octávio. “Apresentação”. Em RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Tradução de Denise Bottmann. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1991.
- _____. *O pensamento social no Brasil*. Bauru: Ed. Edusc, 2004.
- _____. *Enigmas do pensamento latinoamericano*. [Apresentação de Elide Rugai Bastos]. Campinas, SP – Primeira Versão, julho, No 125, Gráfica do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 2005. Disponível em <http://www.iea.usp.br/iea/textos/iannienigmas.pdf>
- KOSHIANA, Alice M. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: Edusp, 1982.
- LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para as crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo: Ed. Global Universitária, 1986.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina, *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. Sociedade e literatura: parceria sedutora e problemática, in *Sociedade e linguagem*. in org. LAJOLO, Marisa; IANNI, Octávio; ORLANDI, Eni Puccinelli, Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o modernismo*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1988.
- LOBATO, Monteiro, *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946.
- LOBATO, Monteiro. *O poço do Visconde*. São Paulo: Brasiliense, 1950.
- LOBATO, Monteiro. *Serões de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- LOBATO, Monteiro. *Escândalo do petróleo e do ferro*. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense, 1960.
- LOBATO, Monteiro. *Geografia de Dona Benta*. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre 2º Tomo*. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- LOBATO, Monteiro. *O Saci*. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- LOBATO, Monteiro. *A Reforma da Natureza*. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- LOBATO, Monteiro. *A Chave do tamanho*. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LOBATO, Monteiro, *Urupês*, São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LUCA, Tânia Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.
- LUKÁCS, Georg. *A Teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- LUKÁCS, Georg. *A Teoria do romance*. Lisboa : Presença, [19--].

- MAIA, João Marcelo E. A *"Rússia Americana": A terra no pensamento social brasileiro*. 2006 Tese de Doutorado (doutorado em Sociologia) IUPERJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MANNHEIM, K. O pensamento conservador. In: MARTINS, J. de S. (Org.). *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec, 1981, p. 77-131.
- RAMA, Angel. *La crítica da cultura em America Latina*. Caracas: Bibliotexa Ayacucho, 1985.
- ROCCA, Pablo. *Enseñanza y teoría de la literatura em José Enrique Rodó*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2001.
- RODÓ, José Enrique. *Ariel. Motivos de Proteo*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1976.
- _____ . *Ariel*. Salvador: Livraria Progresso, 19__.
- RUFFINELLI, Jorge. *José Enrique Rodó: crítico literário*. Montevideo: Alicante, 1995.
- SANTOS, Fabio Muruci dos. A querela dos heróis: liderança política e ethos americano em Oliveira Lima e José Enrique Rodó. In *Revista de História*, v. 22, n. 2. Franca, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/his/v22n2/a05v22n2.pdf>.
- SIMÕES, João Francisco de Oliveira. *Casa grande & Senzala e Radiografia de la pampa: ensaios de interpretação nacional na América Latina*, 2007 Dissertação (Mestrado em Sociologia). IFCH, Universidade Estadual de Campinas.
- SOUZA, Marcos Alves de. *Ideologia e política em José Enrique Rodó: liberalismo e jacobinismo no Uruguai (1895-1917)*, 2007, Tese de Doutorado (Doutorado em História). FHDSS, Universidade Estadual Paulista.